



Família de super-heróis - Menino, 10 anos
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Infância e pandemia: exercícios de escuta

Maria Cristina Soares de Gouvêa

O vírus da Covid-19, nos primórdios de sua circulação, no início de uma nova década, foi identificado, em termos demográficos, como apresentando um recorte socioeconômico geracional. Seria uma doença que atingiria, basicamente, ricos, dada a mobilidade internacional desta população, concentrando no grupo geracional mais idoso os óbitos, devido a uma maior fragilidade imunológica. Na outra ponta, estariam as crianças, supostamente imunes aos sintomas do vírus, ainda que não à sua transmissão.

Em abril de 2021, 14 meses depois, o vírus, com sua potência devastadora, transformou-se em uma pandemia global, cujos efeitos sanitários e sociais estamos longe de dimensionar, mas antevemos sua permanência, ao nomear como década da Covid,¹ o segundo decênio do século XXI. Verifica-se sua virulência, ao atingir as mais diferentes populações nas condições ambientais, possibilidades de trabalho e renda, qualidade de vida, escolarização, saúde mental, acesso a direitos e exercício da cidadania. Aprendemos, tristemente, que a pandemia penaliza, de maneira dramática, as populações mais pobres em todo o mundo, entrecruzando-se as desigualdades sociais às étnico-raciais e de gênero. No contexto histórico de uma economia globalizada, caracterizada por inéditos níveis de concentração de renda e desigualdade nas condições de vida, a pandemia potencializa a exclusão.

Paradoxalmente, embora em termos demográficos, as crianças sejam o grupo geracional diretamente menos atingido pelos efeitos diretos do vírus (ainda que com número crescente de infecção e óbito), constitui um dos mais afetados pelas medidas de distanciamento social. Tais medidas impactaram radicalmente o cotidiano infantil, deslocando as referências de mundo, os tempos e espaços do cotidiano, as relações socioafetivas.

Ainda que tais efeitos tenham sido globais, as condições sociais de vivência da pandemia incidiram distinta e desigualmente sobre meninos e meninas, crianças negras, brancas, asiáticas e indígenas, crianças de países do chamado Hemisfério Norte e do Sul global, de famílias pobres e ricas, reforçando as exclusões presentes. Se muitos dos efeitos a curto e médio prazo já são evidentes, o grau de desigualdade nas condições sociais da infância e imprevisibilidade da evolução da doença indicam que estamos longe de dimensionar as consequências da pandemia para o futuro das novas gerações.

O conhecimento sobre o tema se mostra ainda provisório e pouco aprofundado. Recine *et al.* (2020) indicam que, embora esta faixa etária constitua $\frac{1}{4}$ da população mundial, apenas 8% de pesquisas publicadas as contempla. Em um site com levantamento da produção sobre Infância e Covid: *Children and Covid research library*,² a Unicef disponibiliza 1.651 artigos (os números são atualizados diariamente), que cobrem áreas diversas, de saúde física a pobreza infantil, condições de bem-estar, etc. Trata-se de artigos caracterizados, em sua grande maioria, pela extensão de 5 a

¹ <https://www.thebritishacademy.ac.uk/publications/covid-decade-understanding-the-long-term-societal-impacts-of-covid-19/>.

² <https://www.unicef-irc.org/covid-children-library>.

10 páginas, que apresentam investigações empíricas sobre o impacto da Covid-19 na infância. Mais recentemente, começam a se fazer presentes estudos avaliativos das políticas de proteção à criança implementadas nacional ou regionalmente e dos efeitos das medidas de isolamento, após o retorno à “normalidade”. Em um ainda breve estudo sobre tal produção, foi possível destacar algumas características:

1. **Temáticas:** a maior parte dos artigos contempla os efeitos das medidas de isolamento ou *lockdown* na vida escolar e familiar, focando a avaliação da saúde psíquica da criança e os prejuízos a sua escolarização. Destacam-se os possíveis prejuízos à saúde mental, o confinamento aos espaços domésticos. Salienta-se o efeito da pandemia no aumento das desigualdades, especialmente educacionais, relacionadas às condições de acesso às mídias,³ tornado requisito para o exercício das práticas educativas.
2. **Amplitude:** além dos estudos apresentarem variedade geográfica e amplitude do universo analisado, observa-se, na análise dos efeitos do isolamento, variações definidas pelas políticas sanitárias locais. Assim, alguns estudos contemplaram o confinamento da criança, em países que optaram por um fechamento radical, impedindo as crianças de saírem às ruas,⁴ ou o fazerem por um período limitado. Outros estudos analisaram o impacto de políticas de distanciamento, num contexto em que a mobilidade foi mantida.⁵

³ Vide: LOADES, M. E. *et al.* “Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19.” **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, n. 11, v. 59, 2020, p. 1218-1239.e3. doi:10.1016/j.jaac.2020.05.009; SINGHA, S. *et al.* Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescent: a narrative review and recommendation. **Psychiatric research**, n. 293, 2020.

⁴ MUNOZ, M.; RODRIGUES, I. **Infancia confinada**. Como viven la situación de confinamiento niñas, niños y adolescentes? Madrid: Enclave de Evaluación, 2020; WANG, G., *et al.* Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **The Lancet**, v. 395, issue 10228, 2020, p. 945– 947.

⁵ MILLION, A. ‘No one listens to us ...’ COVID-19 and its socio- spatial impact on children and young people in Germany. **Children’s Geographies**, 2021. DOI: 10.1080/14733285.2021.1908520; CAMPOS, M. M.; VIEIRA, L. COVID-19 and early childhood in Brazil: impacts on children’s well-being, education and care. **European Early Childhood Education Research Journal**, 2021, p. 16.

Outros ainda contemplaram o efeito de *lockdowns* sucessivos na vida das crianças.⁶

O mesmo se refere à análise dos processos de escolarização, em que alguns estudos investigaram o ensino remoto em que este foi estendido a toda população escolar. Outros contemplam contextos em que ocorreu tanto a interrupção da vida escolar, quanto sua continuidade através de ensino remoto. Registram-se, também, estudos que contemplaram países em que a escolarização foi interrompida para toda população escolar.⁷ Finalmente, investigações procuraram analisar o efeito da pandemia na paralização da escolarização associada ao aumento do trabalho infantil.⁸

3. Sujeitos: a grande maioria das pesquisas que buscaram apreender os efeitos da pandemia na infância, ao escutar os sujeitos, dirigem-se aos adultos que fornecem informações sobre as crianças, desfacadamente os pais (e, mais exatamente, as mães), profissionais da saúde, assistência e educação. Contempla-se as consequências do isolamento social para a vida psíquica, condições de aprendizagem, saúde física (com grande número de trabalhos avaliando o aumento da obesidade e sedentarismo), uso das mídias, dentre outros.

Em menor medida, algumas investigações contemplam a escuta das próprias crianças ou jovens. Neste caso, são priorizadas as faixas etárias entre 7 e 18 anos, sendo pouco presentes as investigações com crianças menores. Observa-se a centralidade dos marcadores de gênero e classe social nas análises. Alguns estudos se voltam para populações específicas, como indígenas, migrantes, crianças com deficiência.⁹

⁶ CO-SPACE STUDY. Covid 19: supporting parents, adolescents and children during epidemia. Disponível em: <https://cospaceoxford.org>.

⁷ VINER, R. M. *et al.* School closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: A rapid systematic review. **Lancet Child & Adolescent Health**, n. 4, 2020, p. 397-404. DOI: <https://doi.org/10.1016/S2352->

⁸ IMRAN, N., ZESHAN, M., PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. **Pakistan Journal of Medical Sciences**, v. 36, S67-S72.

⁹ BERASATEGI, N. *et al.* **Las voces de los niños y de las niñas en situación de confinamiento por el COVID-19**. Bilbao: Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua = Servicio Editorial, 2020; LOMAX *et al.* Where am I, where are the people like me? Children's everyday lives and

4. Metodologia: a maioria dos estudos concentram-se em *surveys* de amplitude variada, desenvolvidos tanto a nível nacional quanto local. São episódicos os artigos que apresentam uma análise transnacional.¹⁰

Tais *surveys* são realizadas à distância, lançando mão, majoritariamente, de questionários. Em menor medida, são realizadas entrevistas *on-line*, recorrendo-se, também, a metodologias visuais e mídias, que contemplem as linguagens infantis, como vídeo, fotografia, desenho e aplicativos.

Observa-se que, se o campo de estudos da infância discute a importância da participação das crianças na elaboração da pesquisa, esta perspectiva se mostrou pouco presente. Cabe, no entanto, destacar que vários programas de pesquisa investiram na produção de sites dialógicos dirigidos às crianças, com caráter informativo e terapêutico.

5. Resultados: em termos gerais, observa-se uma concordância quanto aos efeitos da pandemia na população infantil. A imensa maioria dos estudos descrevem e destacam o profundo impacto das medidas de isolamento, em que as referências socioespaciais das crianças foram deslocadas. Observa-se como a ausência da escola reduziu ou inviabilizou o exercício da sociabilidade infantil e comprometeu a aprendizagem. Indica-se, também, a potencialização das desigualdades existentes, especialmente no recurso às mídias digitais e comprometimentos do processo de escolarização de larga parcela da população mundial. Contempla-se, também, o significativo aumento da violência contra a criança no espaço doméstico. Por outro, destacam-se a ampliação das interações familiares em torno de atividades de lazer, acentuando a valorização da família como espaço de convivência e afeto e a centralidade que esta assumiu na vida das crianças.
6. Indicações: os estudos apontam a necessidade de desenvolvimentos de investigações longitudinais, que acompanhem não apenas os efeitos imediatos, mas, de longo prazo, da pandemia na saúde

educational experiences during the coronavirus pandemic. 2020. Disponível em: <http://blogs.hud.ac.uk/media/assets/document/edspace,3>.

¹⁰ CORNIA, G.A.; JOLLY, R.; Stewart, F. COVID-19 and children, in the North and in the South. 2020. Disponível em: <https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/DP-2020-02%20CL.pdf>.

física e mental, nos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Salienta-se a importância de que tais investigações subsidiem políticas de proteção às novas gerações.

Observa-se a pouca presença de estudos brasileiros sobre o impacto da Covid na vida das crianças. Uma importante publicação é dossiê especial: Educação infantil em tempos de Pandemia,¹¹ publicado na Revista Zero a Seis que traz os primeiros estudos sobre o tema. Em língua inglesa, dos 1651 artigos, apenas 16 referem-se ao Brasil,¹² o que demonstra a necessidade de investimento no tema. Cabe destacar que, sendo um dos países mais afetados pela pandemia, faz-se necessário apreender suas consequências para as diferentes infâncias brasileiras.

Pandemia e infância: a tragédia brasileira

O Brasil é atualmente o segundo país mais atingido no número de óbitos, sendo, também, um dos que a pandemia mais impactou as condições de vida da população. A já brutal concentração de renda (no sétimo país mais desigual do mundo) foi ampliada, em que a ausência de políticas efetivas de suporte e apoio redundou em uma rápida e significativa piora na qualidade de vida, no acesso a direitos e no exercício da cidadania da maior parte da população. Ao longo de 2020, as medidas de distribuição de recursos emergenciais amorteceram o desmonte de políticas sociais. A partir de 2021, com aumento vertiginoso da circulação do vírus, interrupção do pagamento do auxílio e sua posterior redução a um quarto do valor anterior, restrito a dois meses de duração, observa-se a derrocada das condições sociais da maioria da população.

Tal deterioração é atravessada pelos marcadores de gênero, etnia/raça, território, geração, que demandam serem avaliados em suas especificidades e no seu entrecruzamento. Bem como analisada como consequência

¹¹ <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/3163>.

¹² Destacam-se: CAMPOS, M. M; VIEIRA, L. COVID-19 and early childhood in Brazil: impacts on children's well-being, education and care. **European Early Childhood Education Research Journal**, 2021, p. 16; SÁ, C; POMBO, A. et al. COVID-19 social isolation in Brazil: effects on the physical activity routine of families with children. **Revista Paulista de Pediatria**, 2020, p. 8; CHRISTOFFEL M. M. et. al Children's (in)visibility in social vulnerability and the impact of the novel coronavirus (COVID-19). **Rev. Bras. Enferm.**, v. 73, 2020, (Suppl 2): e20200302. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0302>.

da gestão da crise por um governo de extrema direita, neoliberal e autoritário. Não é uma afirmação retórica nomeá-la como um experimento de necropolítica. A morte de sujeitos pertencentes a determinados grupos sociais é aceita e naturalizada, sendo-lhes intencionalmente negados recursos, através de um processo de desumanização, segundo definição de Mbembe (2016). A necropolítica contemporânea no Brasil tem raça/etnia, gênero, idade.

A condução do combate à pandemia pelo governo federal, avaliada como a pior do mundo, tem consequências não apenas nos alarmantes índices de óbito, mas em todos os indicadores sociais. Neste sentido, pode-se afirmar que a pandemia penalizou sobremaneira a população infantil, diante do desmonte de políticas nacionais de proteção.

Em termos de educação, a interrupção da escola presencial ampliou o fosso entre os processos de escolarização de crianças de escolas públicas e privadas, em que uma parte significativa da população escolar teve seu processo de escolarização interrompido. Outra parte desta população ficou restrita ao ensino *on-line*, que reduz a escola a um ambiente de aprendizagem, deixando de exercer sua fundamental função de espaço de socialização e interação entre os pares.

Neste contexto, destaca-se o absoluto descompromisso do governo federal com uma política nacional de educação que fizesse frente a este quadro. Muito ao contrário, a educação básica apresentou, em 2020, o menor orçamento e a menor execução orçamentária da década. Em termos comparativos, houve a redução de 10, 2% do valor orçamentário em 2020, em relação a 2019.¹³ Como sintetiza o relatório do Movimento Todos pela Educação (2020):

O MEC se mostrou ausente e incapaz de exercer sua função de apoio técnico e financeiro, detectando-se a ausência de política nacional, ausência de políticas de apoio à educação à distância, ausência de apoio a professores, desinvestimento no ensino médio, não utilização dos recursos para programas dirigidos à primeira infância, não execução de programas estruturantes.¹⁴ (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

¹³ <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/02/4907686-2020-foi-o-ano-com-menor-gasto-do-mec-com-educacao-basica-desde-2010.html>.

¹⁴ <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/relatorio-do-todos-impacto-da-pandemia-na-educacao-basica-tem-ido-alem-do-fechamento-de-escolas/>.

Ainda que a educação básica no país seja majoritariamente de responsabilidade de estados e municípios, a ausência de uma coordenação nacional fez com que os demais entes federativos definissem políticas regionais ou locais, que lançaram mão de procedimentos distintos. Em regiões mais ricas, ou com gestores mais comprometidos com a população, foram construídas alternativas locais, ainda que precárias, enquanto, em outros, as crianças e suas famílias foram deixadas à própria sorte para garantirem a continuidade da escolarização dos filhos.¹⁵

Tais famílias recorreram aos mais diversos procedimentos, de acordo com suas condições socioeconômicas, quer para garantir a continuidade da escolarização dos filhos, quer para ter acesso a um espaço de guarda que possibilitasse a busca ou continuidade de trabalho dos pais. Educação à distância, em suas diversas modalidades e suportes, professores particulares, empregadas domésticas, redes de vizinhança, espaços informais de guarda, permanência nas ruas, trabalho infantil são algumas das resultantes da desigualdade de recursos, diante da ausência do Estado, em arranjos com impactos distintos nas diferentes infâncias.

Para além da escola, o cotidiano das crianças reduzido ao espaço doméstico demandou políticas de acompanhamento das famílias – especialmente, na avaliação da violência doméstica, questão que vem recebendo, por parte de grande parte dos países, atenção especial na pandemia.

No Brasil, o Ministério de Direitos Humanos, à semelhança do Ministério da Educação, fez-se ausente, apenas dando continuidade ao serviço de denúncia por telefone. Tal serviço, no entanto, vem sendo objeto de desmonte, tanto através da extinção da comissão intersetorial de enfrentamento à violência sexual de crianças e adolescentes, quanto da redução dos recursos.

Os dados estatísticos que quantificam o uso deste serviço não são disponibilizados pelo Ministério, muito menos os encaminhamentos posteriores. Segundo o Jornal G1, as denúncias atingiram, em 2020, 95.247 ligações, totalizando uma média de 260 novas denúncias a cada dia.¹⁶ É importante registrarmos que estes dados, ainda que indiquem um expressivo aumento,

¹⁵ <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86791-coronavirus-saiba-quais-medidas-o-mec-ja-realizou-ou-estao-em-andamento>.

¹⁶ <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2021/04/20/denuncias-de-violencia-contra-a-crianca-e-o-adolescente-atingem-maior-patamar-desde-2013.ghtml>.

não traduzem o número real de agressões. Na ausência da escola e com o trabalho do Conselho Tutelar precarizado, a violência contra a criança no espaço doméstico e invisibilizada, vindo a público através do trágico registro, pela imprensa, de nomes e rostos de crianças, de distintos níveis sociais, que foram agredidas e ou perderam a vida, denunciando a necropolítica do governo dirigida à infância.

Como constata Livi Gerbase em relatório do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESI, 2021):

Na situação de emergência e calamidade que o Brasil se encontrava em 2020, o governo tinha a obrigação de gastar o máximo de recursos disponíveis para proteger a população. Mas o que vimos foi sabotagem, ineficiência e morosidade no financiamento de políticas públicas essenciais para sobreviver à crise (INESI, 2021).

Infância e pandemia: a escuta das crianças

No contexto de um governo comprometido com o desmonte de políticas sociais dirigidas à infância, com a chegada da pandemia ao país, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Infância da UFMG (Nepei/ UFMG) se mobilizou para compreender seus efeitos na população infantil e em suas famílias, bem como indagar: como estes sujeitos significam tal experiência?

Movidos por tais questões, em março de 2020, Levindo Diniz Carvalho, Isabel Oliveira e Silva e Iza Rodrigues da Luz elaboraram um projeto de pesquisa voltado para a escuta das crianças. Tinha-se em vista, ao construir uma escuta investigativa e demonstrar que as crianças são atores sociais competentes capazes de elaborar o vivido, fazendo-o através de construção de narrativas. Ao mesmo tempo, visibilizar o impacto das desigualdades brasileiras na experiência dos sujeitos.

Para tal, foram investidos esforços para a construção de estratégias metodológicas de investigação, formação de uma equipe de pesquisadores e de uma infraestrutura de suporte. Tudo isto foi desenvolvido na ausência de encontros presenciais e desprovidos de qualquer financiamento.

Destaca-se, neste sentido, o empenho e o envolvimento dos pesquisadores, em seus diferentes níveis de formação: bolsistas de iniciação científica (Antônio Carlos da Silva Neto, Camila Trigo Matos, Julia Ribeiro Tamietti, Laura Ludgero, Maressa de Castro Santos, Mariana Cabral Soares) mestrandos (Ana Claudia Silva Melo), doutorandos (Fernanda

Marques, Joelma Cerqueira, Kassiane Oliveira, Luciana Bizzotto, Lucas Martins, Rubia da Conceição Camilo), pós-doutorandos (Cecilia Nascimento Laís Bittencourt) e colaboradores (Maria Cristina Soares de Gouvêa, Alexandre Duarte, Edmilson Pereira).

O trabalho foi desenvolvido conjuntamente, constituindo-se como espaço de aprendizado de pesquisa coletiva, em um contexto de crescente dramaticidade. Assim é que, por várias vezes, as reuniões eram interrompidas por notícias de adoecimento, tanto de familiares, quanto de participantes da pesquisa. Acresce-se a dificuldade da equipe em conjugar a realização da investigação com o acúmulo de tarefas impostas pelo ensino à distância, quer na condição de professores, quer de alunos. Ainda que árduo e cansativo, este trabalho nunca deixou de ser instigante e prazeroso, diante de sua relevância, receptividade e adesão por parte das crianças e das suas famílias.

A escuta, presente no título, afirma-se como central na pesquisa, entendendo-se que, ao analisar-se a condição social da infância, é imperativo escutar as crianças. Estes são atores sociais competentes, capazes de, no exercício de sua agência, construir significados e produzir discursos e narrativas sobre o vivido.

Como afirmam Dunker; Thebas (2019), a escuta se conforma como prática social de acolhida do outro, implicando um descentramento de si. No caso da pesquisa com crianças, envolve o constante desafio de enfrentamento do adultocentrismo, na construção de estratégias metodológicas que possibilitem a produção discursiva, oral ou escrita.

Neste sentido, ainda que no espaço restrito de um questionário, ou de uma entrevista *on-line*, mediados por familiares, as crianças se apropriaram desta escuta sensível para produzirem uma narrativa do vivido, como forma de estarem no mundo e entendê-lo (RICOEUR, 1998).

Mesmo que limitada a uma micronarrativa, a produção de um discurso expresso numa linguagem, segundo Sarlo (2005, p. 24): “[...] liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum”.

A partir da escuta das crianças, buscamos interpretar os discursos presentes nos questionários e entrevistas, entrecruzando os dados quantitativos e qualitativos e construindo categorias analíticas no diálogo com a produção bibliográfica sobre os temas emergentes. Buscou-se dar visibilidade tanto a expressão da subjetividade infantil, a partir da análise das

perguntas abertas do questionário e entrevistas, quanto aos dados demográficos, na análise das perguntas fechadas, avaliando-se o impacto das desigualdades sociais, de acordo com os marcadores de raça/ etnia, gênero, idade e território, na vivência da pandemia.

A reflexão sobre o impacto da pandemia na infância constitui objeto desta obra, sendo apresentados os resultados desta investigação. Ao socializar os resultados da pesquisa, buscamos visibilizar os procedimentos metodológicos de escuta infantil no contexto do isolamento social. Trata-se de uma produção coletiva, cuja escrita envolveu todos os pesquisadores participantes, independentemente de seu nível de formação, o que constituiu tanto um aprendizado quanto um desafio.

O capítulo 1, “Escutar as crianças em contexto de crise: percurso metodológico e perfil das crianças participantes da pesquisa”, analisa os procedimentos utilizados para dar visibilidade à maneira como as diferentes infâncias vivem a experiência da pandemia, a partir dos marcadores sociais de gênero, raça/ etnia, idade e território. A definição destes procedimentos foi ancorada no diálogo estabelecido com especialistas em pesquisas demográficas (Profa. Valeria Resende/ UFMG) e relações raciais (Profa. Shirley Miranda/ UFMG).

Os demais capítulos se organizam em torno dos resultados da pesquisa, centrados no impacto da pandemia na relação da criança com diferentes espaços, sujeitos e práticas sociais e na subjetividade infantil.

O capítulo 2, intitulado “Crianças e escolas no contexto do isolamento social: aprendizagens e sociabilidades entremeadas”, objetiva analisar os discursos das crianças (e também adultos) sobre a escola, na relação com a família, os significados que emprestam à vida escolar, as dificuldades impostas pela interrupção das aulas presenciais, o recurso ao uso das mídias.

O capítulo 3, “O brincar, as relações sociais e as tarefas domésticas desenvolvidas pelas crianças na pandemia”, objetiva apresentar o cotidiano da criança no contexto do isolamento, contemplando a diversidade de experiências de vivências concentradas no espaço doméstico, definidas por marcadores sociais.

O capítulo 4, “Emoções e sentimentos das crianças durante a pandemia”, apresenta os afetos expressos pelas crianças ao refletirem sobre os ganhos, perdas, alegrias e tristezas acionadas pela vivência da pandemia. Buscou-se tanto o registro destes sentimentos e emoções, como a interpretação de suas singularidades, definidas pela especificidade da infância.

A riqueza dos dados construídos não se esgota nestes textos. Para além do que está aqui registrado, acumula-se uma série de dados demográficos, narrativas, desenhos, fotografias que não foram ainda contempladas, ou que podem ser analisadas de acordo com outras chaves de interpretação. Esperamos dar continuidade ao trabalho com este material em produções futuras.

A produção da pesquisa não se restringe a esta obra. Visando a socializar os resultados para um público mais amplo, com um texto mais acessível e recurso a linguagem visual, foi produzido o relatório: *Infância e pandemia na região metropolitana de BH: primeiras análises*.

Também foi produzido um site dirigido ao público mais amplo (<https://www.infanciaemtempodepandemia.com.br>), especialmente às crianças, divulgando os desenhos, vídeos, fotografias por elas enviados, bem como fornecendo indicações de materiais didáticos, atividades, vídeos dirigidos à infância.

Se esta pesquisa contemplou a escuta das crianças, ela atingiu apenas uma fração deste complexo e múltiplo universo da infância brasileira. Neste sentido, a investigação é feita, também, dos silêncios, daquilo que não pode ser contemplado nesta investigação, mas que deve ser objeto de estudos futuros.

O posfácio, de autoria de Anete Abramowicz, “As crianças falam uma língua que não se escuta e nem se entende – um mundo por vir”, provoca-nos a escutar aquelas crianças cujos nomes e rostos acompanhamos pela mídia, em seu sofrimento. A violência contra a criança, tão presente em nossos dias, não emergiu no grupo investigado, mas tem seu registro nesta obra, através do contundente texto de Anete.

Outro tema que não se fez presente nesta obra foi do trabalho infantil. Trata-se de tema que demanda ser visibilizado, de maneira a avaliar o impacto da pandemia, quer no retorno, quer na intensificação do trabalho infantil.

Também demanda novas investigações o desenvolvimento de estudos longitudinais que possibilitem acompanhar as mudanças que as crianças experimentam na vivência da pandemia, considerando que os dados desta investigação foram recolhidos entre junho e outubro de 2020. Os resultados seriam muito diferentes, caso a pesquisa de campo tivesse ocorrido em 2021. Mais que isto, que se possa avaliar os efeitos a médio e longo prazo da pandemia nas condições de vida das crianças.

Por fim, embora presentes nos momentos das entrevistas e na escrita de algumas respostas dos questionários, cabe resgatar a narrativa de como os pais vivem esta experiência diante da precariedade dos mecanismos de apoio e fragilização das condições de vida. Pesquisas internacionais indicam que as pessoas com filhos tiveram um comprometimento e stress significativamente maior do que aquelas sem filhos. Faz-se necessária não apenas a construção de mecanismos de escuta, mas aquela de apoio.

Esperamos que esta obra possa contribuir não apenas para o avanço do conhecimento sobre o tema, mas também para a afirmação da importância da escuta das crianças sobre suas experiências e reflexões sobre a realidade social mais ampla. Que sejamos capazes de ultrapassar o olhar adultocêntrico para dialogar com a alteridade da infância. A escuta das crianças, como projeto epistêmico, político e ético afirma-se, enfim, como sentido maior desta obra.

Referências

DUNKER, C.; THEBAS, A. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta, 2019.

INESC. **Baixa execução financeira e lentidão do governo asfixiaram políticas sociais em 2020, diz estudo** (2021). Disponível em: <https://www.inesc.org.br/baixa-execucao-financieira-e-lentidao-do-governo-asfixiaram-politicas-sociais-em-2020-diz-estudo/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte e ensaios**, n. 2, v. 32, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RACINE, N.; KORCZAK, D. J.; MADIGAN, S. Evidence suggests children are being left behind in COVID-19 mental health research. **European Child & Adolescent Psychiatry**. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01672->. Acesso em: 13 abr. 2021.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

